

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda do Calçado

código
AV-FO5-SJVRP

localização
Estrada de Santa Cruz s/nº – Santa Cruz

município
São José do Vale do Rio Preto – RJ

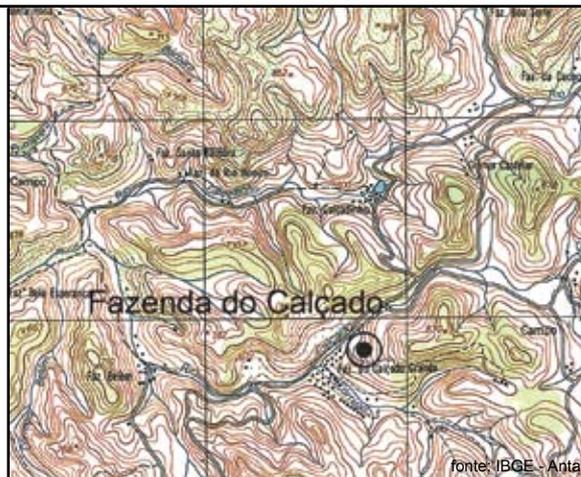
época de construção
entre os anos de 1809 a 1825

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
criação de gado / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Arta



Fazenda do Calçado, fachada principal

coordenador / data **Francyla Bousquet – mar 2009**
equipe **Nathália Alcântara, Priscila Oliveira**
histórico **Francyla Bousquet (dados obtidos com os historiadores Jany de Oliveira Limongi e Adriano Novaes)**

revisão
Coordenação técnica do projeto

A Fazenda do Calçado – também conhecida como Calçado Grande, em função da existência da Fazenda Calçadinho – situa-se numa estrada por onde se pode chegar a pelo menos mais outras oito antigas fazendas de café. Desses sítios, quatro foram criados a partir do desmembramento de sesmaria original da Calçado.

A estrada que lhe dá acesso começa junto à RJ-134, no ponto onde se inicia a RJ-116, que interliga os municípios de São José do Vale do Rio Preto e Teresópolis. Mantendo-se à esquerda nessa via, com relação às opções de entrada que aparecem durante o caminho, chega-se a uma ponte que transpõe o Rio Calçado e é nessa confluência que está localizada a porteira da fazenda (f01).

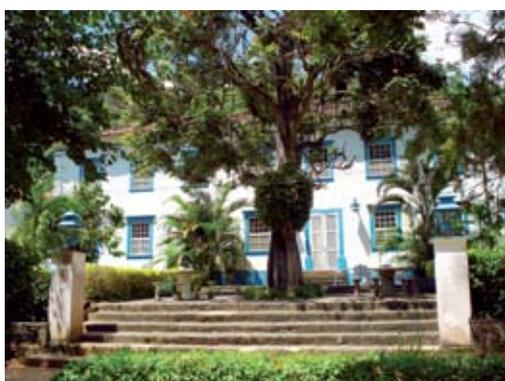
A partir do acesso, são avistadas algumas casas de colonos na margem esquerda da estrada interna que conduz à sede. Essas residências cedem lugar a uma série de sete galpões, hoje desativados, que eram utilizados até pouco tempo para cultura avícola (f02). Somente a partir do final da sequência de galpões é que podem ser avistadas as edificações antigas – casa-sede (f03), tulha (f04) e um volume que provavelmente seria parte de uma antiga casa de banhos, hoje não mais existente (f05). Atrás desse núcleo, localiza-se o açude da propriedade (f06).



01



02



03



04



05



06

Outras edificações foram ali construídas, sinal de adaptação a uma utilização mais atual – comercial e de lazer. No entanto, as edificações antigas, bem como os remanescentes de parte da área dos terreiros de café (f07) e da chaminé do engenho (f08), preservam, de certa forma, a atmosfera original do lugar, observada na pintura de autoria do pintor alemão Georg Grimm¹ (f09), que retratou a fazenda em questão em seus áureos tempos de produção cafeeira.

A força motriz da estância foi, sem dúvida, o Rio Calçado, que hoje corta parte da fazenda. Anteriormente, o trecho desse curso d'água localizado dentro dos limites da propriedade era mais extenso, uma vez que essas terras abrigavam também a Fazenda Calçadinho, estabelecida em área vizinha. Curiosa é a atual captação de suas águas, realizada em ponto mais alto do rio, o que permite uma queda expressiva através de tubulação de PVC (f10), que move a pequena usina hidrelétrica particular da fazenda.

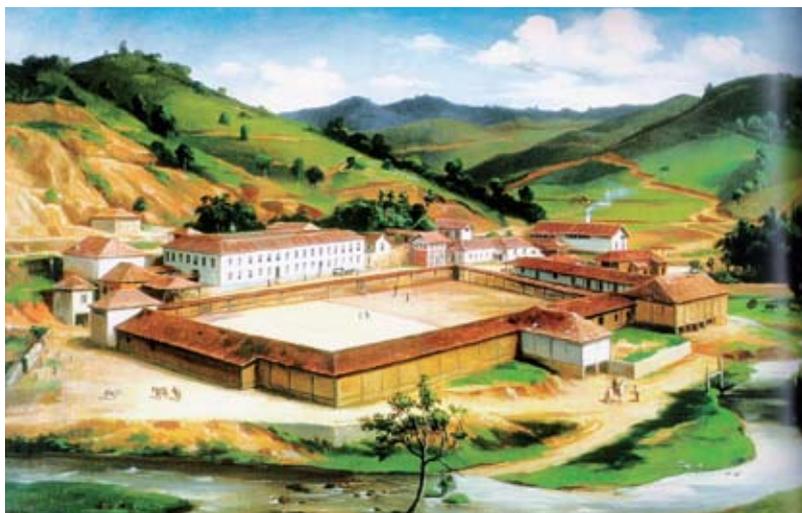
Boa parte dos montes que emolduram esse núcleo edificado já apresenta mata secundária bastante adensada. Os demais, utilizados como pasto, exibem vegetação rasteira.



07



08



Reprodução do original retirado do CALDAS, Sergio Tulio. Café: Um Grão de História. São Paulo: Latin American Documentary, 2006. p.50 09



10

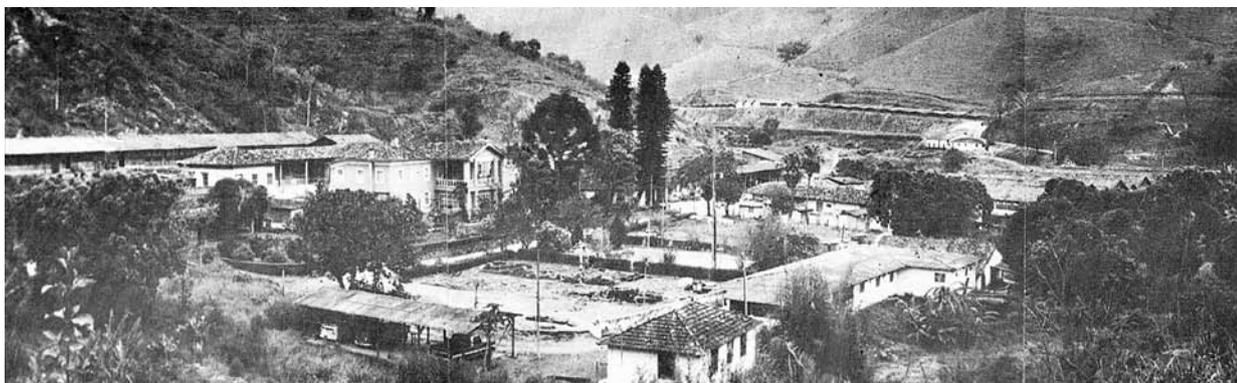
¹ Johann Georg Grimm (1846-1887) foi um pintor, professor, desenhista e decorador alemão que viveu e trabalhou algum tempo no Brasil. Instalado na Corte, aliou-se a um compatriota de nome Steckel que tinha uma empresa de pintura e decoração. Ocasionalmente, era contratado por fazendeiros fluminenses para executar paisagens topográficas, que, pela exatidão quase fotográfica, perpetuavam as suas propriedades.

A mais imponente das edificações remanescentes é de fato a casa-sede da fazenda, a qual apresenta dois pavimentos, além de porão alto não habitável, com aberturas para ventilação e extensas fachadas, nas quais predominam as características e elementos neoclássicos, como a simetria, cunhais¹ tratados como pilastras de ângulo, cimalthas que arrematam a construção, além do aspecto uniforme conferido pela repetição das aberturas em verga reta. Segundo levantamento da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (FUNDREM), realizado em 1982, essa regularidade era interrompida pelo avanço de corpo central acrescido ao volume original (f11), o qual não mais se observa atualmente.

Implantada em área de fundo de vale, a sede e seus anexos foram erigidos em cortes de terreno, o que estabeleceu alguns platôs de assentamento. Junto à sede, em sua parte posterior, ainda existe uma murada de pedra que delimita um nível de terreno mais elevado, para o qual se tem acesso através de rampa (f12), o que sugere alguma utilização anterior desse espaço. Junto ao final deste muro, acompanhando a extensão do terreno, está estabelecida a cerca que demarca o limite final da propriedade.

A observação da imagem histórica revela uma sede mais extensa, que exibia duas portas de acesso principal, contrapondo-se à única entrada identificada na atualidade. O segundo acesso estaria localizado onde hoje existe apenas uma escadaria, no mesmo molde da escadaria do acesso remanescente. Hoje, esta escadaria leva a um platô, na parte lateral da casa (f13), onde, no piso, é possível ver as marcas de encaixes de guarda-corpo ou de alguma estrutura portante, provavelmente de pequeno volume, dada a pouca profundidade destas marcas (f14). Neste platô, ainda existem dois grandes pilares de pedra maciça, cortados em duas e três partes cada um (f15), o que corrobora no entendimento da extensão da sede para essa lateral. Avançando além deste platô, encontra-se outra escadaria que dá acesso a outro plano, também com piso de pedra, no qual, segundo o administrador, ali seria a antiga casa de banhos. Pode-se observar as marcações e canaletas para o escoamento da água (f16).

O ingresso à sede é realizado através de alameda arborizada (f17), que conduz à entrada principal da edificação (f18), a qual apresenta escada com degraus de pedra com boleamento nas bordas, tanto nesta quanto na que conduziria à segunda porta de acesso da casa, hoje não mais existente. As janelas externas apresentam requadros de argamassa, sobreverga, e sistema de fechamento em caixilho de vidro tipo guilhotina. A porta principal é de duas folhas almofadadas.



11



12

¹ Cunhal – faixa vertical saliente nas extremidades de paredes ou muros externos do edifício. Em geral, abrange da base ao coroamento da construção.



13



14



15



16



17



18

A cobertura da sede exibe alguma estranheza em seus caimentos. A observação dos telhados em paralelo às empenas sugere a compreensão de que a sede não teria sofrido apenas uma diminuição em sua largura, mas, talvez, também um acréscimo rumo à sua parte posterior (f19). Certamente, houve, em algum tempo, modificações na cobertura, pois é possível notar a diferença entre entelhamentos novos e antigos (f20). Apesar de se ter tido o cuidado de produzir novas telhas nos moldes das originais – a sua uniformidade, porém, delata a sua idade, uma vez que as peças antigas têm superfícies irregulares, sinal de sua produção artesanal, por mão de obra não qualificada (escravos).

Internamente, há uma sensação de distinção de usos entre o primeiro e o segundo pavimentos. O térreo, de pé-direito mais baixo, é utilizado para estar e cozinha (f21 e f22). O forro é simples, em reguado de largura



19



20



21



22



23



24

generosa aplicado no padrão saia-e-camisa, posicionado em uma única direção. A escada de acesso ao segundo pavimento foi executada em madeira escura e bem trabalhada (f23), o que lhe confere um aspecto austero. Apresenta apenas primeiro degrau em pedra, que tem sua correspondência na parede de fundo do estar, na verdade um arrimo, sem acabamento. A presença da pedra no interior do pavimento também contribui para a avaliação desse espaço como uma área de serviços.

O segundo pavimento apresenta pé-direito mais avantajado (f24), com forro de mesmo tipo que o pavimento inferior, porém com arremates em roda-tetos frisados que lhe conferem mais imponência.

Nesse piso, as janelas recebem, além das guilhotinas em caixilharia, folhas duplas almofadadas na parte mais interna do vão. As portas internas apresentam duas tipologias: folhas duplas de madeira ensilhada e almofadadas (f25 e f26).

O piso na maior parte da área é em tabuado largo de madeira, muito simples, sem tabeiras. Apenas na sala de jantar e *hall* contíguo esse reguado se diferencia, exibindo tabeira e peças mais estreitas. Ambas as características sinalizam refinamento, e nisso assemelha-se a outras fazendas de porte, como a Fazenda Belém.



25



26



27



28



29



30

Há sinais de modificações internas, alguns bastante claros, como a criação de banheiros (f27), e outros mais discretos, como a interrupção de forros, sinalizando a construção de novas paredes (f28), especialmente no *hall* central deste pavimento.

Na lateral direita da sede, junto à suposta casa de banho, existe uma edificação com apenas dois cômodos e uma grande varanda, que não possui interligação com a sede. Como foi dito anteriormente, é possível que se trate de parte da casa de banho ainda existente. Ela reproduz o padrão da sede, no partido arquitetônico, esquadrias e acabamentos (f29). Mas a existência de uma varanda com piso e forro de madeira provoca a sensação de que lhe falta uma parte complementar (f30).

A área em frente à casa – onde hoje existe a piscina, um extenso gramado e uma edificação de lazer (f31) –, segundo imagem antiga e depoimento do administrador, comportava o grande terreiro de café. É possível encontrar pelo local tabeiras em pedra (f32) e trechos da antiga pavimentação tipo pé de moleque em pedra (f33), que provavelmente cobria todo o terreiro de café.

A última edificação que faz parte desse conjunto de construções originais é a antiga tulha. O volume sofreu um acréscimo para fins de utilização de lazer (f34), o que descaracterizou a sua concepção original. Embora já apresente cobertura refeita, em telhas francesas, é possível estabelecer o ponto a partir do qual o acréscimo ocorreu, o que nos dá uma ideia de sua volumetria primeira.



31



32



33



34

A sede apresenta pontos localizados de patologias, especialmente nas fachadas, tendo sido observadas áreas de infiltração e crescimento de vegetação oportunista. No restante da área, a casa está bem conservada. Não foi possível identificar nenhum dano provocado por cupins, caso único dentre as fazendas visitadas na região. Já a provável casa de banhos exhibe estado precário de conservação – pisos e forros encontram-se bastante deteriorados, provavelmente pela recepção direta de chuva em materiais mais frágeis à incidência de intempéries, como a madeira.

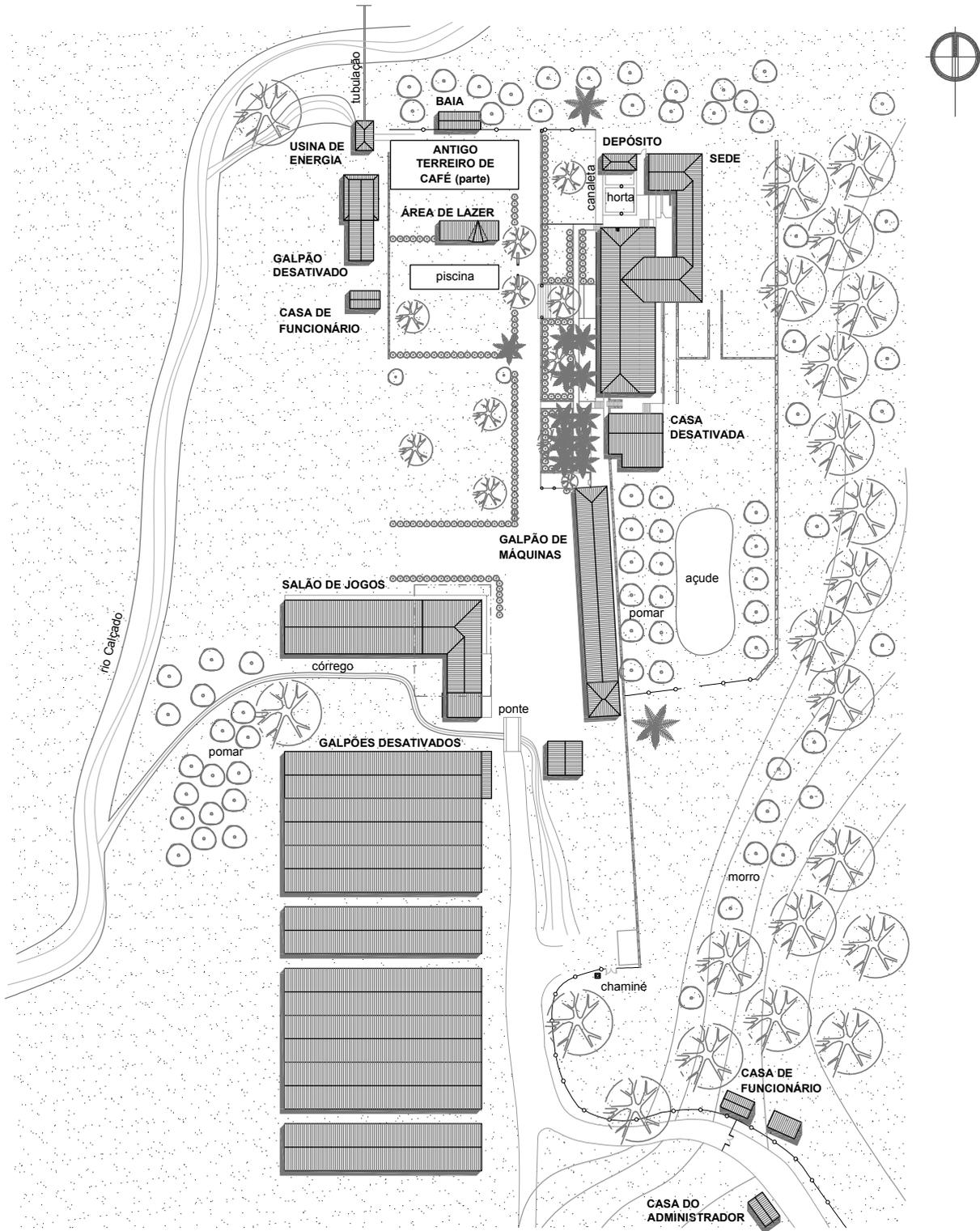
A tulha apresenta estado razoável de conservação. Parte da área que lhe é contígua, na fachada voltada para a sede, e que se encontra mais degradada, já é uma recomposição moderna, executada em blocos.

Em um viés mais amplo, a fazenda encontra-se bem conservada, porém sempre é necessário lembrar que o que hoje é tarefa de poucos, antes era obrigação de um enorme número de escravos, sempre disponíveis para o incessante trabalho de produzir e conservar.

FAZENDA DO CALÇADO

Observações:

1. A área assinalada no salão de jogos refere-se ao volume da antiga tulha.



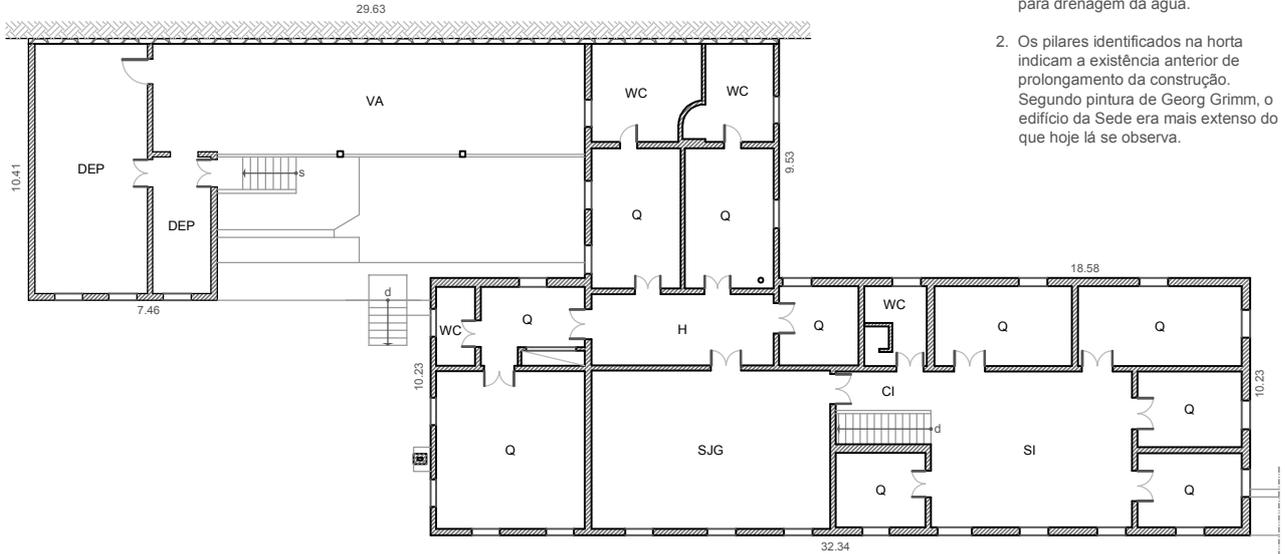
1 Croqui de Implantação
escala: 1/1250



FAZENDA DO CALÇADO

Observações:

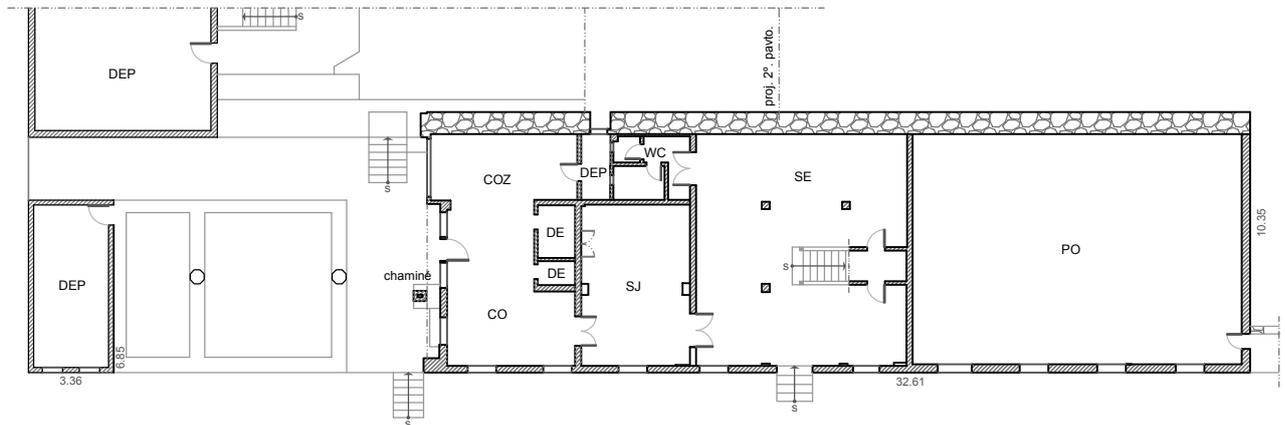
1. Segundo o administrador da Fazenda, dizem os mais antigos que na planta do 1º Pavimento, na área elevada atrás da cozinha, existia uma casa de banho, da qual só restou o piso com forte caimento, para drenagem da água.
2. Os pilares identificados na horta indicam a existência anterior de prolongamento da construção. Segundo pintura de Georg Grimm, o edifício da Sede era mais extenso do que hoje lá se observa.



2

Planta Baixa da Sede - 2º Pavimento

escala: 1/300



1

Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento

escala: 1/300



CI - circulação	COZ - cozinha	DE - despensa	PO - porão	SE - sala de estar	SJG- sala de jogos	VA - varanda	alvenaria existente
CO - copa	DEP- depósito	H - hall	Q - quarto	SI - sala íntima	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria em pedra

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F05 - SJVRP

2/2

equipe:
Francyla Bousquet / Nathália Alcântara / Priscila Oliveira

desenhista:
Maciel Torres/ Priscila Oliveira

revisão:
Francyla Bousquet

data:
mar 2009

A Fazenda do Calçado Grande foi construída em terras da sesmaria concedida a Maria Tereza Joaquina Savan Monteiro de Barros, casada com Lucas Monteiro de Barros (visconde de Congonhas de Campos). Esta sesmaria foi requerida por Cantagalo em 1809, e media meia-légua de testada e meia-légua de fundos, confrontando com as terras de seu marido, as de Florinda Maria da Encarnação, as do bacharel Francisco Nunosyo e as de Hilária.

A sede da Fazenda do Calçado Grande foi construída entre os anos de 1809 e 1825, pela família Monteiro de Barros, tendo sido vendida a João de Souza Werneck, em 1825, quando já estavam anexadas a ela a sesmaria do dr. Lucas Monteiro de Barros – requerida por Cantagalo, em 1814 – e a sesmaria de Hilária, medindo ambas meia-légua de testada e meia-légua de fundos.

Em 1857, João de Souza Werneck vendeu a Fazenda do Calçado Grande para Ignácio dos Santos Werneck - o barão de Bemposta¹ -, porém grande partes das terras permaneceram com João S. Werneck, nas quais a família Werneck construiu as fazendas Belém, Calçadinho, São Miguel, Santa Cruz e Pica-Pau.

A Fazenda do Calçado Grande, anteriormente chamada de Santa Ana do Calçado, foi uma das primeiras fazendas construídas em São José do Vale do Rio Preto, tendo sido a maior fazenda de café da região. Ainda hoje continua sendo a maior, em extensão de terras.

Segundo descreve o anuário genealógico, vol V, página 54: "...Sant'Ana do Calçado, Solar do Barão de Bemposta em São José do Rio Preto, ao sul de Sapucaia, foi um dos mais grandiosos monumentos das civilizações cafeeira e aristocrática fluminense. Um palácio com as suas dependências erguido entre cafezais, revelador de uma cultura elevadíssima. O seu magnífico terreiro de secagem com um vasto pátio de torneios cavaleirescos fronteiro à fachada, dá-lhe um forte toque de feudalismo, ao mesmo tempo que nos mostra a original e sólida cultura econômica fundada pelos 'barões do café' na província do Rio de Janeiro."

Foram donos da Fazenda do Calçado a família Monteiros de Barros, os Souza Werneck, o barão de Bemposta (Ignácio Santos Werneck), a família Coutinho Miranda Jordão, Francisco Pinto, o Barão de Itaperecica (Francisco Pinheiros Chagas), os Borges Monerat, Felipe Salomão, Davi Mendes, e, atualmente, pertence a Agro-Avícola Cia. Ltda.

¹ Inácio Barbosa dos Santos Werneck, primeiro e único barão de Bemposta (19 de dezembro de 1828 – 2 de maio de 1889), foi fazendeiro cafeeicultor brasileiro, nas regiões de São José do Rio Preto e Pedro do Rio, na então província do Rio de Janeiro. O registro de óbito de Ignácio Barboza de S. Werneck, o barão de Bemposta, lavrado pelo vigário Theodoro Esch, da Matriz de Petrópolis, descreve que ele faleceu aos 60 anos, em 01/04/1889, em casa, de lesão cardíaca.